

A FAMÍLIA E A IGREJA

# «OS HOMENS APRENDEM NA FAMÍLIA A GRAMÁTICA DA FÉ»

TEXTO E FOTOGRAFIA | RICARDO PERNA

**O** Pe. José Granados é vice-presidente do Instituto Pontifício João Paulo II para o Estudo do Matrimônio e da Família e participou no Sínodo dos Bispos sobre a Família como especialista convidado. Achou a experiência enriquecedora e considera que o sínodo abriu alguns caminhos e confirmou outros já conhecidos, sempre no sentido de fortalecer esta ligação essencial entre a Igreja e a Família.

**Foi dado um enfoque muito grande no sínodo ao acolhimento de todas as famílias, de todas as realidades. Como é que isto se pode tornar realidade?**

Toda a pastoral familiar e toda a pastoral da Igreja deveria

passar pela família, mas isto não está presente na nossa pastoral familiar. Quando uma família em dificuldades chega a um pároco com os seus problemas, ele não sabe o que fazer; não sabe que caminho indicar ou dizer. Temos de ir mesmo à formação dos sacerdotes e promover a participação das próprias famílias na pastoral da comunidade. Um bispo da Índia dizia: aqui no Ocidente contam os indivíduos; mas nós, com uma visão mais comunitária, contamos as famílias da paróquia.

**A família sai reforçada destes dois anos de conversa e discussão, dentro e fora da Igreja?**

O essencial é dizer que se abre um caminho. O caminho do

**Toda a pastoral familiar e toda a pastoral da Igreja deveria passar pela família, mas isto não está presente na nossa pastoral familiar.**

sínodo foi abrir as portas e fortalecer a visão de que as famílias caminham. Mas há que valorizá-lo. O Evangelho é não só uma boa notícia para as famílias, mas as próprias famílias são um lugar do Evangelho. Os homens aprendem na família a gramática da fé. E isto dá força; é uma força de esperança para o futuro da Igreja e do mundo.


**Acompanhamento e discernimento, porque as coisas são diferentes de família para família. Isto também não é algo novo, mas sabe a novo...**

Efetivamente. É essencial o acompanhamento a todas as famílias, desde o princípio, desde a preparação para o

matrimônio, todo o seguimento, etc. Mas o que mais interessa é o acompanhamento das famílias traumatizadas. Creio que o diálogo de Jesus com a samaritana é uma referência muito boa como método de ensino. Aparece no n.º 41 do documento, em que Jesus Se dirige primeiro ao desejo de amor que há no coração da samaritana; compreende-a e acompanha-a. A partir deste desejo de amor foi capaz de lhe dizer que a situação em que se encontrava não era boa para si.

**Isto era algo que estava a faltar na Igreja e nas paróquias...**

Há que saber que às vezes existem posições ideológicas em torno da família. Querer justificar, por exemplo, o divórcio; querer justificar, ou querer dizer que esta situação é boa... Aí há uma visão ideológica no sentido de se querer justificar opções de vida diferentes das da Igreja. Creio que este é um caminho de aproximação, e isto tem faltado nas paróquias. A família tem de ser protagonista dessa pastoral, não é apenas o sacerdote. A própria família converte-se em protagonista de acompanhamento para outras famílias.

**No final do sínodo, e sobre os divorciados recasados, as opiniões dividiram-se. Partilha da opinião de que o sínodo se pronunciou favoravelmente a um caminho de penitência para os divorciados recasados que pode,** 





➡ **em algumas situações específicas, dar acesso aos sacramentos? Ou é da opinião de que essa opção ficou fechada?**

Em primeiro lugar queria dizer que há um desejo do sínodo de acompanhar estas pessoas. No grupo em que eu estava, um dos bispos disse que a solução não era responder se dávamos a comunhão ou não, mas antes sair e acompanhar. Acompanhar para participarem mais na vida da Igreja, pensando principalmente nos divorciados que agora estão em uniões civis. Para acompanhar, é necessário conhecer a meta. A meta que a Igreja propõe a uma pessoa é viver segundo o Evangelho. O caminho, as palavras que se podem dizer, o acompanhamento com paciência, são importantes, mas não se pode consentir que uma pessoa decida que a sua vida se estabilizou num modo contrário ao de Jesus. Por isso temos de ver o tema da comunhão aos divorciados em nova união civil segundo o que a Igreja tem para dar.

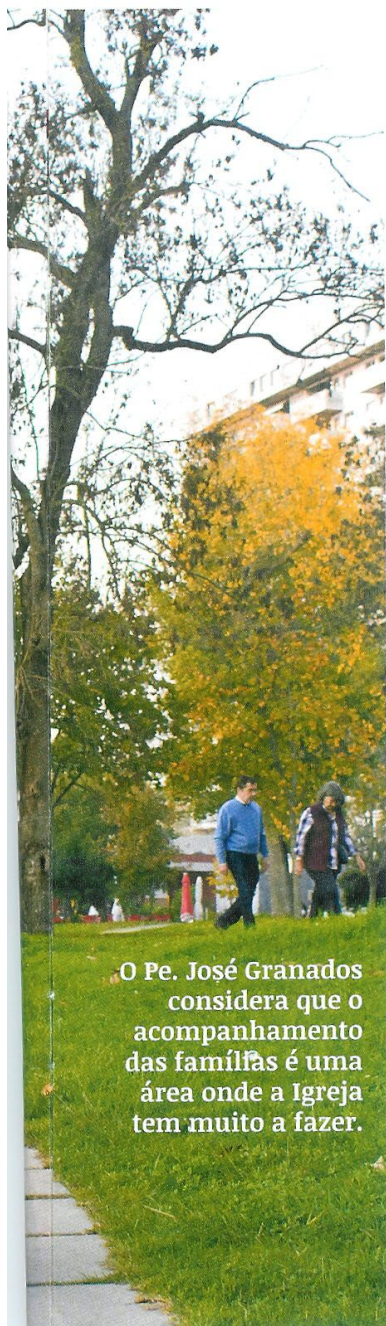
**A Igreja, durante muitos anos, falhou para com os casais na preparação para o sacramento do Matrimónio, mas sempre exigiu muito desse sacramento. Isto é justo?**

Creio que aí há um trabalho a fazer. Se chegam sem preparação anterior, creio que a chave seria acompanhá-los nos primeiros anos do matrimónio. A experiência diz que a maioria dos divórcios se dá nos primeiros cinco anos. Depois, há que insistir na pre-

paração para o casamento. Não digo que não seja importante. Com uma linguagem nova, próxima; ensiná-los que a família não é uma instituição privada, mas sim algo de comunitário; ensiná-los sobre as dificuldades que vão encontrar durante o caminho, e incluir outras famílias que os possam acompanhar. Mas creio que o trabalho fundamental que se deve fazer é o acompanhamento das famílias, não apenas prepará-las e depois deixá-las sós.







O Pe. José Granados considera que o acompanhamento das famílias é uma área onde a Igreja tem muito a fazer.

Para ver esta entrevista em vídeo, visite-nos em [www.youtube.com/familiacristapt](http://www.youtube.com/familiacristapt).



**Como se pode fazer esse acompanhamento das famílias numa paróquia com milhares de pessoas e sem milhares de casais disponíveis para o fazer?**

É um grande desafio, e será preciso começar a trabalhar. O trabalho é formar as famílias. Mas também aqui o padre tem de entender que o trabalho não é com indivíduos, mas com famílias, e que quando fala não é a um indivíduo, mas a um irmão, pai, mãe, esposo, esposa, ao avô, e a sua pregação e o seu trabalho atravessa a unidade familiar. Lentamente irão surgindo famílias.

**Mas para as pessoas que chegam, não preparadas para o matrimónio, deve-se dizer «não»? Pode-se dizer «não»?**

Sim, e há que o dizer claramente. Mas tudo depende de um diálogo com as pessoas. Se vemos que falta maturidade,

e se vemos que a este nível num curso de preparação para o casamento os noivos não estão preparados, evidentemente que se deve verificá-lo, acompanhá-los, tentar pelo menos que se reúnam as condições mínimas para que possa haver um verdadeiro matrimónio, senão não os podemos admitir. Creio que isso é que justifica o acompanhamento. Por experiência própria, quando se explica o que é o matrimónio cristão, há alguns que dizem que este não é o seu caminho, e saem à procura de outras opções. Mas são os frutos dos cursos.

**Um dos assuntos de onde se esperava alguma novidade tem a ver com o planeamento familiar, mas aí o sínodo limitou-se a reforçar a *Humanae vitae*. Isto ainda faz sentido hoje em dia?**

Certamente que o sínodo confirmou o ensino da *Humanae vitae*. Como disse o Papa, esse ensino foi profético e é difícil de entender hoje. O que quer dizer que não é apenas uma abertura à vida, mas uma abertura que seja integrante de amor. A chave não é apenas vida, mas a vida que pertence ao amor. Todo o ato de amor entre marido e mulher tem um elemento de fecundidade. Há que respeitar esse elemento de fecundidade, não o impedir nem cortar, se queremos que o amor seja verdadeiro.



**Com os métodos naturais estamos também a cortar...**

Não, porque aí não se está a acabar com nenhuma dimensão. Simplesmente dentro do que é o corpo humano, e que não depende de nós, mas recebemos de Deus, entramos na lógica daquilo que o corpo tem ou permite. A primeira coisa é que os métodos artificiais contraceptivos não requerem nenhuma virtude da pessoa. Basta aplicá-los, porque são métodos técnicos. Os métodos naturais, porque não são técnicas, são um caminho...

**Mas o ato de amor é um ato espontâneo. Os métodos naturais obrigam a uma planificação...**

É um ato espontâneo, mas é um ato da espontaneidade humana, não animal. A espontaneidade é amar corretamente. Tomamos a pessoa segundo um modo humano, e a espontaneidade não é dizer o que quero e pronto... Às vezes, a palavra espontaneidade pode entender-se em duplo sentido: na sexualidade há um elemento de prazer, que é essencial, porém não elimina a virtude, a arte de amar. A visão cristã da sexualidade é um momento de dom de si ao outro. E o método natural tem isto de integral: favorece o dom de si, porque toda a sexualidade deve ser o dom de si.

**Se este problema é assim tão claro na Igreja, porque é que muitas pessoas não a cumprem?**

No n.º 63, o sínodo fala com firmeza no dever de formar a consciência dos esposos. Ensinar o que é o amor, e que há uma verdadeira fecundidade para o seu amor. O respeito de um pelo outro e não apenas o anseio da virtude. Não são apenas técnicas ou métodos, pois requerem a totalidade da pessoa e o modo como duas pessoas se falam e comunicam. É um caminho formativo. **ic**

**A visão cristã da sexualidade é um momento de dom de si ao outro.**



